



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

LUGAR DE NEGROS: A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE BEATRIZ NASCIMENTO PARA A COMPREENSÃO DAS TERRITORIALIDADES CORPORAIS.

Wagner Vinhas¹

RESUMO: A comunicação aborda a contribuição do pensamento de Beatriz Nascimento para as Ciências Sociais, em particular a relação entre corpo e espaço simbólico. Neste sentido, o espaço extrapola a dimensão reconhecida dos espaços geograficamente situados, e se alinha com outros processos sociais: a representação corporal como um dos aspectos da noção de territorialidade; o corpo como parte das experiências diaspóricas e transmigracionais. Portanto, a referida abordagem pretende discutir a dimensão de corpo a partir da noção lugar de negros.

PALAVRAS CHAVES:

Beatriz Nascimento, corpo negro, lugar de negros, espaço.

INTRODUÇÃO:

Iniciaremos o trabalho com uma breve discussão sobre algumas categorias adjacentes a idéia de corpo negro – tal qual foi proposta por Beatriz Nascimento². Estamos situando a noção corpo negro e lugar de negros como categorias analíticas das Ciências Sociais, e por isso podem ser aplicadas no estudo de outras categorias, como espaço, lugar, território etc. À medida que avançarmos na exposição ficará mais claro de que forma situamos a interação da noção de espaço com as suas categorias internas: lugar, território e corpo. Estamos inclinados a aceitar o corpo enquanto uma dimensão espacial e somos particularmente interessados nas

¹ Graduado em Ciências Sociais pela UFAL, Mestre em Ciências Sociais e doutorando em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. Membro do grupo de pesquisa *O som do lugar e o mundo*.

² Para Nascimento (2006), o corpo negro pode ser aquele que porta carências radicais de liberdade, que procura e constrói lugares de referência transitórios ou duradouros.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

possibilidades que a noção de espaço abre para escapar das interpretações dicotômicas que subjazem ao pensamento científico e condicionam nossos modos de apreensão em termos de sujeito/objeto; escolha/determinação; agente/estrutura, subjetividade/objetividade, além, é claro, da oposição cartesiana entre mente e corpo, natureza e cultura, espaço e tempo. Não se trata de estabelecer uma exposição exaustiva da noção de espaço e do que estamos destacando como suas categorias internas, mas situar o leitor a despeito das referidas noções. Também não se trata de proceder com uma análise que privilegia a fisiologia do corpo, mas especificamente com diálogos do domínio do pensamento social. Neste sentido, o que chamamos de espaço simbólico está situado na discussão entre Natureza e Cultura, sendo respectivamente o que não depende da tradição social e a sua oposição, ou seja, o que em casos particulares depende de regras e normas sociais. Finalmente, optamos por utilizar a noção de espaço e as demais categorias como instrumentos de análise, o que nos permite aplicar certas propriedades dos conceitos para acessar aspectos da experiência social, e na qual estamos destacando como significante para situar o corpo como um lugar de negros – tal qual foi proposto por Beatriz Nascimento³.

O corpo expressa as relações objetivas e subjetivas de cada organização social, sem ser a mimese dos sistemas de normas e regras significantes do seu meio.

Que o corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir (RODRIGUES, 1983, p. 62).

Considerando que lugar de negros refere-se à maioria negra ou uma manifestação de maioria negra, devemos tentar responder de que maneira o corpo negro pode refratar um lugar de negros. Em certos países as características fenotípicas serão primordiais para identificar um corpo negro, em outros, a definição não pode ser dada por aspectos biológicos, mas, fundamentalmente por características culturais de cada grupo ou indivíduo. Para que possamos estabelecer um diálogo franco com o leitor, identificaremos como objetividade como aquilo que pode ser mais facilmente observável em relação a uma situação empírica e, por outro lado, apontaremos como subjetivo aquilo que precisa ser explicitado e não pode ser

³ Segundo Nascimento (2006) um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tomada *a priori* como uma representação dada ou mais facilmente identificável. É dessa forma que o corpo expressa a objetividade externalizando certos conteúdos culturais: o corpo passa a ser o meio pelo qual expressamos características substantivas e relacionais da organização social. O que chamamos por conteúdos vão além de certas características objetivas apreoadas pelas técnicas corporais, parafraseando Marcel Mauss. O corpo propaga os elementos significantes e sempre produtores de significação que expressam conjuntamente as relações significativas de cada sociedade.

A NOÇÃO DE ESPAÇO E AS SUAS CATEGORIAS INTERNAS

Espaço é um termo polimorfo que remete à necessidade de representar os vários espaços como parte de um espaço único (KANT, 2001). Neste sentido, temos diversas representações de um mesmo espaço e que tudo abrange: espaço sideral, espaço aéreo, espaço publicitário, espaço judicial etc. Partindo de Merleau-Ponty (2000), podemos dizer que existem tantos espaços quanto experiências espaciais distintas, o que nos leva a equação na qual o espaço é existencial ao mesmo tempo em que a existência é espacial. Immanuel Kant (2001), por sua vez, declara que não existe a possibilidade de uma representação de que não haja espaço, mesmo que não haja objetos no espaço (p. 90). Podemos aferir que a representação *a priori* kantiana resulta da apreensão do espaço enquanto uma intuição pura ou formal. Neste sentido, a noção de espaço não estaria sujeita as experiências externas, mas, pelo contrário, os fenômenos externos são possíveis somente mediante a esta representação primeira. Por outro lado, Merleau-Ponty (2000) concorda com Brunshvicg quando afirma que, mesmo idealmente, só existe espaço povoado, acrescido ao fato de que, para a fenomenologia da percepção, o conhecimento do espaço surge a partir do exterior: o espaço faz parte da situação e por isso não pode existir por si mesmo.

O lugar distribui as relações de coexistência no espaço e, por isso, nos remete à idéia de um lugar próprio (CERTEAU, 1998) ou de uma identidade própria (AUGÉ, 2000). Para Milton Santos (2006), o lugar se coloca como intermédio entre o mundo e o indivíduo: entre o universal e o particular, entre o global e o local, entre o abstrato e o empírico. Para Marc Augé



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(2000), um lugar pode definir-se como lugar de identidade, relacional e histórico, assim como o lugar não definido a partir destes aspectos pode ser considerado um não-lugar, sem, no entanto, deixar de ser um lugar antropológico⁴. Sabemos que o enunciado também funda o lugar, o que nas palavras de Certeau (1998), significa dizer que existe um trabalho incessante de transformar lugares em espaços e espaços em lugares (idem, ibidem, p. 203). O enunciado não representa, neste caso, uma mera descrição, mas, pelo contrário, possui uma função fundadora dos espaços e autorizadora das práticas sociais. A ausência ou a deterioração de um enunciado sobre um lugar cria uma lacuna que precisa ser preenchida, porque todo lugar pressupõe uma ordem de distribuição de elementos nas relações de coexistência (idem, ibidem, p. 201).

O território, por sua vez, é uma porção de espaço supostamente proveniente de uma racionalidade específica. É dessa maneira que os territórios seriam “[...] espaços trabalhados conforme racionalidades duras, precisas, densas e espaços trabalhados conforme racionalidades moles, tolerantes, tênues” (idem, 2006, p. 147). Partindo de Milton Santos (2001), podemos afirmar que o território é uma identidade: o chão e a população; o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território contemplaria uma organização racional do espaço, bem como um dado forjado da harmonia entre lugares e agentes da sua produção. Essa ideia é compartilhada por Claude Raffestin (1993), na qual define a noção de território, seja concreto, seja abstrato, a partir do resultado de uma ação praticada no espaço. A territorialização do espaço, segundo este autor, se dá através da sua apropriação, o que inclui a representação do espaço na qual estamos nos referindo. A noção de território compõe uma das bases para os processos de reconhecimento e pertencimento: clã, tribo, grupo étnico e nação. O uso, a apropriação, a representação, o reconhecimento e o pertencimento, se baseiam na ideia de território, ao mesmo tempo em que criam e fornecem os processos constitutivos do conceito que evocam.

A DIMENSÃO DE CORPO NA NOÇÃO LUGAR DE NEGROS

⁴ Marc Augé se refere aos aeroportos, ferrovias, supermercados, hotéis, entre outros, como não-lugares.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A proposta consiste aplicar as categorias internas à noção de espaço e refletir de que maneira o corpo pode ser investigado como uma dimensão espacial, e mais especificamente como espaço simbólico. Partiremos de algumas características que Nascimento atribui ao corpo negro, buscando em seguida proceder com uma discussão que abrange as supracitadas categorias.

Para Nascimento (2006), o corpo negro portaria as marcas da desumanização praticada contra africanos e seus descendes, por meio das experiências com o escravismo e o racismo. Ainda para Nascimento, o corpo negro se constituiria e se redefiniria como continuidade transmigracional e a diaspórica. A transmigração nos remete a noção de espaço, as saídas do território e os deslocamentos de lugar. A diáspora aponta para a reconstrução de laços identitários, a reordenação das experiências espaciais, o retorno a formas territoriais e a identificação com os lugares. O corpo seria assim um documento destas experiências com a transmigração e a diáspora: memória corporal, sígnica e imagética. Conforme Nascimento (2006), o corpo negro pode se estender simbolicamente ao ponto de se confundir com a paisagem do quilombo, do terreiro, da África – lugar de negros. Segundo Milton Santos (2006), a paisagem se refere a um conjunto de formas que, num dado momento, expressa as sucessivas relações entre homem e natureza. Neste sentido, a paisagem se torna transtemporal e une passado e presente em uma construção transversal. Dessa forma, a paisagem é criada através de formas definidas em certos momentos históricos, coexistindo com as formas do momento atual. Parece existir um forte apelo funcionalista na noção de paisagem, na medida em que são formas distribuídas na paisagem cumprindo alguma função bem específica e, muitas vezes, redefinidas para atender uma nova função. Seria dessa maneira que o corpo negro comporia as paisagens do passado sob a ótica do presente, escrevendo nos corpos e sobre os corpos as formas outrora significantes? O corpo, então, seria um meio para rememorar e recriar “paisagens simbólicas”? Isso é, fazer coexistir no presente as memórias do passado étnico ao mesmo tempo em que (re)significa cada momento da história⁵?

[...] os símbolos geoculturais que Beatriz Nascimento utiliza são perfeitamente cartografáveis, ou seja, passíveis de inserir numa cartografia cultural que relaciona África e Brasil e permite à pessoa negra posicionar-se dentro das várias rotas e raízes possíveis (RATTS, 2006, 69).

⁵ Para efeito de análise, estamos situando à noção de grupo étnico como toda a forma de organização social que se reconhece como diferente e seja reconhecido como diferente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Partindo da analogia com a noção de espaço de Merleau-Ponty, podemos dizer que existem tantos corpos quanto experiências corporais distintas, sendo o corpo negro uma entre as muitas experiências possíveis: corpo e existência são convergentes. Por outro lado, se pensarmos em termos de diáspora, pode-se inferir que existem tantos corpos negros quantas experiências com a diáspora. É que o processo da diáspora não se constitui como uma experiência única, mas com singularidades que depende do contexto em que se desenvolve⁶. O corpo negro, em analogia com a idéia de lugar, nos remete a uma identidade em termos étnicos, ou seja, uma intermediação entre unidades discretas disponíveis e as escolhas dos indivíduos. A noção de grupo étnico quando aplicada as organizações sociais não se constitui a partir de um possível isolamento, mas, pelo contrário, persistem mesmo com a fluidez entre as fronteiras⁷. Dessa forma, o indivíduo sempre parte de uma escolha, mesmo que seja feita de forma constrangida, seleciona uma ou mais filiações⁸. A antropologia, através das pesquisas etnográficas, tem demonstrado que existe um constante fluxo entre as fronteiras: seja de conteúdos culturais, seja de pessoas, as organizações sociais persistem mesmo nos casos em que os limites não são bem delineados. Parece ser nesta característica que reside à força da etnicidade como forma de organização social e que contradiz o prenúncio da dissolução de certos grupos étnicos frente ao incansável processo de modernização. Mesmo em contextos convergentes, como ocorre em alguns países europeus com as freqüentes migrações oriundas das ex-colônias, as unidades discretas coexistem com outras identidades destacáveis, mesmo no caso daquelas que são predominantes. Situando o corpo enquanto uma forma de territorialidade, podemos dizer que o corpo se constitui como território à medida que implica na ação racional, ou seja, cada corpo é trabalhado segundo uma racionalidade específica. Parece ser desse modo que podemos afirmar que o corpo negro é uma organização racional da corporeidade: a apropriação do corpo – de forma racional – conforma ou contradiz os processos de reconhecimento e pertencimento em termos étnicos. É dessa forma que cabelos, indumentárias, tatuagens e acessórios, fazem parte das características associativas com as

⁶ A migração compulsória de africanos para os Estados Unidos não se constitui como uma experiência similar a outras experiências historicamente situadas no continente americano, e assim sucessivamente.

⁷ Ver POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

⁸ O caso da Catalônia, por exemplo, aponta para uma filiação étnica e outra com a nação espanhola.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

heranças africanas. Por outro lado, não podemos perder a dimensão de que na modernidade, o global e o local convergem criando estilos globalmente difundidos⁹.

O que queremos destacar com essas breves considerações é a possibilidade de abordar as práticas corporais como práticas espaciais. Estamos adotando a noção de espaço simbólico enquanto uma espacialidade imaginada: as sociedades escrevem sobre os corpos uma seleção de paisagens que compõe o espaço significante. Não queremos dizer com isso que as seleções sejam feitas de forma harmoniosa, pelo contrário, acreditamos que fazem parte de um jogo pela legitimação das referências com a comunidade. Como afirmamos anteriormente, algumas escolhas são constrangidas, o que significa dizer que a sociedade tende a manipular o corpo dos seus membros para se expressar (RODRIGUES, 1983).

A noção de corpo negro em convergência com a noção lugar de negros implica em experiências espaciais respectivamente duradouras e transitórias. A persistência consiste em certas marcas que se mantêm ao longo do tempo, como ocorre com algumas práticas corporais. Por outro lado, a fluidez destas referências condiz com um espaço de tempo limitado e dessa forma efêmero. Podemos situar certas referências ligadas aos cultos de candomblé como sendo práticas corporais duradouras e, por sua vez, as práticas transitórias dizem respeito a certos momentos que tendem a se dispersar mais rapidamente, como em certas intervenções carnavalescas ou festas consideradas de música negra (black music). O que parece ser importante destacar é o modo como o corpo negro carrega a memória das experiências transmigracionais e diaspóricas:

O que nos interessa no pensamento de Beatriz é a interrelação entre corpo, espaço e identidade que pode ser refeita por aquele(a) que busca tornar-se pessoa (e não coisa): no quilombo, na casa de culto afro-brasileiro, num espaço de encontro e/ou diversão, no movimento negro, diante do espelho ou de uma fotografia. Desta forma, o corpo negro pode ser, também em parte, aquele que foge, mas que conquista temporadas de tranqüilidade, aquele que se recolhe no terreiro e sai da camarinha refazendo, em movimento, narrativas de divindades africanas; pode ser o jovem que dança sozinho ou em grupo ao som do funk, pode ser a mulher ou o homem que delinea suas tranças ou seu penteado black; pode ser igualmente aquele que se “fantasia” de africano num desfile de escola de samba (RATTS, 2006, 66).

Beatriz Nascimento parece entender perfeitamente a força das referências corporais para a edificação de uma identidade, e dessa forma aparece como aquela a quem se vê e pode

⁹ Podemos destacar como herança africana, os adereços usados nos cultos de candomblé, assim como identificamos como estilos globalizados, o rastafári ou formas de estilos associados ao negro norte-americano. Ver VINHAS, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ser vista. Trata-se de uma definição visual, muito mais do que a aparência, colocar-se diante do mundo como aquela que anuncia, e ao ser anunciada, não pode ser ignorada.

Toda escrita é uma ação à medida que introduz na anunciação um significado inaugurado pelo agente – que não pode ser ignorado. Reivindica do objeto de sua enunciação um posicionamento: esquerda, direita ou centro (VINHAS, 2010, 115).

Com a sua escrita e a sua postura, Nascimento provoca deslocamentos de imagens: mulher, negra, imigrante para intelectual negra diaspórica. Cabe um esclarecimento sobre esta última referência. O que chamamos de intelectual negra consiste na experiência de gênero em que a ciência aparece associada com a idéia de vocação, nos termos definidos por Max Weber.

[...] a postura interior em face da prática científica como vocação está condicionada, em primeiro lugar, pelo seguinte: a ciência entrou num estágio de especialização, antes desconhecido, e esta situação irá persistir para sempre. Não é só no plano externo, não, mas também internamente que as coisas se apresentam assim: o indivíduo pode adquirir a consciência segura de realizar algo de efetivamente perfeito no campo científico só no caso da mais rigorosa especialização (WEBER, 2002, 08).

Quando nos referimos à intelectual negra diaspórica, estamos nos remetendo à idéia de que essa especialização consiste no estudo sistematizado das experiências dos povos que sofreram deslocamentos provocados pelo processo de transmigração, e que de um lugar situado nas rotas migracionais, elabora uma prática reflexiva sobre o colonialismo e o pós-colonialismo. É claro, que sendo mulher, existia um preço a pagar, e Nascimento parece ciente da situação que recai sobre aquela que confronta o lugar a ela destinado:

Quanto mais a mulher negra se especializa profissionalmente numa sociedade desse tipo, mais ela é levada a individualizar-se. Sua rede de relações também se especializa. Sua construção psíquica, forjada no embate entre sua individualidade e a pressão da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento à atração da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento à atração do outro, na medida em que este, habituado aos padrões formais de relação dual, teme a potência dessa mulher (NASCIMENTO, 2006, 128-129).

Nascimento preocupava-se com a situação dos negros em países que passaram pela colonização ou estiveram subjacentes as rotas escravistas. O corpo negro seria então um documento desta experiência vivida ou rememorada pelas populações africanas e seus descendentes em várias partes do mundo. O fim do escravismo não foi suficiente para suplantarem a submissão das minorias - país, grupo ou pessoas - frente aos interesses respectivamente predominantes na contemporaneidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Pode ser interessante esboçar algumas considerações sobre uma preocupação confluyente entre Nascimento e Frantz Fanon, ou seja, a relação íntima entre corpos. Iniciemos com alguns apontamentos feitos por Fanon (2008), referentes aos capítulos em que trata da mulher de cor e o homem branco, e o homem de cor e a mulher branca¹⁰. O que nos interessa, aqui, é a mistificação da cor negra frente ao trabalho de branqueamento das populações negras nas ex-colônias e, por outro lado, o entendimento de Nascimento sobre os contatos entre pares em lugares por ela considerados lugar de negros. Em Fanon encontramos as seguintes formulações:

Conhecemos muitas compatriotas, estudantes na França, que não poderiam casar-se com um negro (ter escapado e voltar atrás? Ah, não, obrigada!) Aliás, acrescentavam, não é que neguemos ao negro qualquer valor, mas é melhor ser branco (idem, 2008, 58).

Da parte mais negra da minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora – e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu – quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco... Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio (idem, *ibidem*, 69).

Estas questões faziam parte das preocupações de Nascimento, e que via na organização de lugares ou manifestações de maioria negra um espaço para reencontros com a própria imagem.

Eu acho que esse pessoal que está se movimentando em volta da música negra americana, num sentido é muito positivo em termos de convívio, de identidade, de conhecer o outro, de saber o outro, de apalpar o outro, de dançar com o outro. Eu sinto que esse pessoal jovem agora se organiza nesse movimento soul, eles vão ter menos problemas que eu tive, por exemplo, eu que sempre vivi alijada da comunidade branca e convivendo com ela e alijada da comunidade negra e vivendo com ela. Quer dizer, é possível inclusive [ter] laços mais fortes entre essas pessoas, de casamento. Menino [preto] vai namorar menina preta, não vai ter necessidade de arranjar a moça branca pra casar (...). Esse processo aí pode ser um processo na medida em que o soul é uma coisa moderna, atual, que está na televisão, no cinema, no jornal, que é de americanos. Quer dizer, que tem inclusive essa possibilidade de afirmação ao nível do que eu sou bonito, eu sou forte, de que eu tenho um corpo bom. (idem, 2006, 67).

É importante ressaltar que Nascimento não apregoava o racismo ao avesso, excluindo o branco das relações interpessoais com os negros, mas ressentia do *tabu do corpo negro* nas relações entre os pares. Como afirmamos anteriormente, a escolha pode ser

¹⁰ Estamos nos referindo à *Pele negra, máscaras brancas*, traduzida por Renato da Silverira e publicada pela EDUFBA em 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

constrangida, e escolher um branco no lugar de um negro pode ser uma dessas escolhas feitas através de opções idealmente hierarquizadas. Por certo, estas situações não estão fixadas no passado colonial e podem ser encontradas em contextos pós-coloniais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Para concluirmos, podemos traçar alguns comentários sobre a aplicabilidade das categorias aqui apresentadas como instrumentos de análise. Inicialmente, colocar os conceitos em termos de categorias analíticas tem uma vantagem indiscutível: diminuem o peso do uso das teorias em outros campos de análise e não sejam aqueles nas quais foram investigados. Isso implica que as categorias podem ser usadas como meios de acessar certas situações de campo, mas não explicar as situações históricas particulares como se fossem universais. Dessa forma, podemos fazer uso não só dos conceitos formulados por nossa ciência em outros contextos, e submetê-los aos nossos campos de análise, mas, igualmente, tomar de empréstimo de outras áreas de conhecimento com o mesmo objetivo. Essa orientação metodológica não se trata de algo novo nas ciências sociais, mas uma prática que tem ganhado corpo nas últimas décadas, bem como tem demonstrado resultados relevantes para as pesquisas em andamento. Neste sentido, os Estudos Culturais podem ser citados como uma dessas correntes teóricas que fazem uso das categorias antropológicas, sociológicas e políticas, assim como de outras áreas, como lingüística, filosofia, literatura, entre outras. É dessa forma que a noção de espaço pode ser útil para analisar certas questões relativas ao corpo, tendo por correspondências algumas formulações propostas para entender os processos envolvendo representação e identidade.

É neste sentido que buscamos aplicar a idéia de espaço e suas categorias internas para entender a dimensão de corpo na noção lugar de negros. Essas categorias vêm sendo investigadas a partir de uma pesquisa que envolve a revisão da literatura que versam sobre estes conceitos. A noção lugar de negros tem demonstrado resultados interessantes quando associada a outras categorias de espaço, incluindo as suas representações. O espaço, seja como representações do mesmo espaço, seja como experiências espaciais distintas, engloba



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

uma série de outras significações. É dessa forma que um espaço pode tomar a forma de lugar ou de território, através das representações de um mesmo espaço: quilombo, corpo, favela, terreiro, entre outras. Dessa forma, temos submetido à idéia de território através da noção de quilombo, o que implica na revisão da idéia de territorialidade como processo de predominância de um grupo sobre outro. Isso significa que a apropriação do território nem sempre envolve processos de concorrência e pode mesmo acentuar certas formas de compartilhamento.

Em relação à aplicabilidade da dimensão de corpo na noção lugar de negros, podemos dizer que o corpo negro se configura nas múltiplas paisagens que refratam, sendo ao mesmo tempo uma busca pela significação de um lugar e de apropriação de um território. Neste sentido, o corpo pode ser considerado uma das mais expressivas reordenações espaciais dos povos africanos que se deslocaram para vários continentes e, dessa maneira, uma tentativa de reorganização espacial, social, simbólica e cultural. Isso implica consideramos a redefinição das praticas corporais a partir de experiências distintas, nem sempre deslocados no espaço, ou seja, pode haver experiências diversas de corpo na mesma porção de espaço: lugar e território. Podemos acrescentar a essa análise, as experiências com a diáspora: as experiências envolvendo os corpos negros são tão diversas quanto são as trajetórias e as narrativas de migração dos povos que estiveram envolvidos em grandes deslocamentos, como ocorreu com os africanos e os judeus em certos momentos históricos¹¹. O que queremos destacar são as estratégias de redefinição identitária por parte de um ser profundamente dividido entre a estética branca predominante e a redefinição da imagem do negro na sociedade brasileira. Neste sentido, as reflexões de Beatriz Nascimento apresentam vigor para entender como o corpo negro se desloca entre as paisagens: África e Brasil, rural e urbano, e entre as fronteiras espaciais e simbólicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹¹ Ver VINHAS, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

AUGÉ, Marc. **Los no lugares**: uma antropología de la sobremodernidad. Tradução: Margarita Mizraji. 5ª ed. Barcelona: Gedisa, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silverira, Salvador: EDUFBA, 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução: Manuela Pintos dos Santos e Alexandre Fradique Corujão. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza**: curso no Collège de France. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NASCIMENTO, Maria Beatriz do. **A mulher negra e o amor**. In RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. **O quilombo como passagem para princípios ideológicos**. In RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATTTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2001.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

VINHAS, Wagner. **Narrativas em Negociação**: o caso da invenção das tradições em Salvador, 2010. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2002.